

A CRÍTICA DA MORALIDADE EM MACHADO DE ASSIS¹

Giovane Rodrigues Jardim²

RESUMO: O presente trabalho propõe uma leitura da obra *Memórias Póstuma de Brás Cubas* (1981), de Machado de Assis (1839-1908), na perspectiva de crítica a moralidade da vida lesada. Desta forma, procura-se uma aproximação com a obra *Mínima Moral* (1951) de Theodor Adorno que, em consonância com a *Teoria Estética*, possibilita situar Machado de Assis como crítico da moralidade vigente. Machado de Assis foi um importante pensador brasileiro, reconhecido não só pelos aspectos técnicos e estilísticos de suas obras literárias, mas pela dimensão de crítica social premente em seus escritos. Na dimensão estética, em sua transcendência histórica e não meramente enquanto uma arte produzida para a revolução, Machado de Assis questionou os valores vigentes, os conceitos de certo e errado, de bom e mau. Assim, ao não se deter em questões do primeiro plano das discussões, também evidencia a recusa deste em se manifestar como liberto das dicotomias da sociedade em que vivia. Não existe um estar por fora, um narrador capaz de ser o observador imparcial que seja isento de julgamentos valorativos.

Palavras-chave: Vida lesada; Crítica da Moral; Literatura Brasileira; Teoria Estética.

1 INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi um importante pensador brasileiro, reconhecido não só pelos aspectos técnicos e estilísticos de suas obras literárias, mas pela dimensão de crítica social premente em seus escritos. Viveu tanto o

1 O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – campus Erechim. E-mail: giovane.jardim@erechim.ifrs.edu.br.

Império como a República, um período de conflitos e de contestações sociais, movimentos que resultaram não só no fim da escravidão oficial no país, como na própria Proclamação da República, tendo sua maturidade intelectual na segunda metade do século XIX e início do XX, período de crescimento do realismo literário.

De origem dos subúrbios cariocas, encontrou no mundo intelectual a sua maneira de ascensão; nos relacionamentos e nas amizades, o acesso ao universo da cultura institucionalizada; e, por meio do serviço público, sua subsistência, conquistando reconhecimento e notoriedade. Delegou à história um arcabouço que contém diversos gêneros literários, num percurso que inclui atividades como contista, jornalista, romancista, poeta e dramaturgo. Com explícito interesse pela filosofia, é destacada por seus biógrafos a leitura e influência de Montaigne, Pascal, Schopenhauer e Nietzsche, dentre outros, bem como discussões filosóficas em suas obras, como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), escrito este basilar em sua maturidade intelectual.

Roberto Schwarz (2000, p. 45) o define como tendo sido “um mestre na periferia do capitalismo”, e destaca que, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “[...] a forma peculiar tomada pela vida do espírito expressava o desconforto e o deleite de participar da vida moderna sem renunciar aos benefícios da iniquidade, isto é, sem pagar o tributo ao preceito da igualdade formal entre os homens”. Não há uma arte que possibilite a fuga da realidade, pois, ao se distanciar de questões como em falar de roça, dos índios ou de caipiras, sua literatura não serve como refúgio da realidade, mas se propõe a uma crítica à sociedade moderna e à possibilidade nela de um agir desinteressado. Assim, ao abstrair de sintomas aparentemente tidos como problemas, faz compreender a sua máxima de ser um “homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (ASSIS, 1938, p. 139). Essa dimensão não foi compreendida por todos, restando críticas a esse distanciamento do tempo e do seu entorno, tratadas como sua alienação da realidade, como destaca Brito Brocas (1957) sobre a concepção de Medeiros e Albuquerque, Pedro do Couto e Emílio Moura de que, em Machado de Assis, sua obra era discrepante de sua vida, um autor da “arte pela arte”.

Seja a concepção de Machado de Assis como um crítico social, seja enquanto um escritor de timidez pública, importa pensar seu distanciamento em relação aos temas em destaque no discurso corrente enquanto método programático para uma abordagem de suas origens. Esse movimento dialético fomenta sua aproximação com a Teoria Crítica da Sociedade, sobretudo com a concepção de Theodor Adorno (1903-1969) sobre a literatura e a posição do escritor no romance. Essa crítica de “arte pela arte” é semelhante à acusação que Adorno enfrentou de seus contemporâneos enquanto uma teoria distante da prática (*práxis*) ao se referir à sua posição em relação aos movimentos revolucionários, principalmente, quanto às ocupações estudantis.

Dessa forma, uma leitura propedêutica da obra *Memórias Póstuma de Brás Cubas* na perspectiva da obra *Mínima Moralia*, de Theodor Adorno (1951), e em consonância com a *Teoria Estética*, possibilita situar Machado de Assis como crítico da moralidade vigente. Na dimensão estética, em sua transcendência histórica e

não meramente enquanto uma arte produzida para a revolução, Machado de Assis questiona os valores vigentes, os conceitos de certo e errado, de bom e mau. Assim, ao não se deter em questões do primeiro plano das discussões, também evidencia a recusa dele em se manifestar como liberto das dicotomias da sociedade em que vivia. Não existe um estar por fora, um narrador capaz de ser o observador imparcial que seja isento de julgamentos valorativos. O que se observa nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um recurso literário que propõe ao leitor a participação, a identificação, bem como o questionamento do personagem e de si. O afastamento do imediatismo é, programaticamente, seu questionamento e tentativa de não participação no jogo falacioso de uma mera crítica de sintomas.

Neste interlúdio entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a *Mínima Moral*, intenta-se destacar a crítica moral em Machado de Assis não como mera coincidência, mas enquanto conteúdo significativo e metodologicamente propositivo. Não há duas críticas: a social e a moral. Há o questionamento da sociedade moderna e de seu produto: o indivíduo e sua falsa noção de liberdade. O aprofundamento da crítica à moralidade estabelecida na obra de Machado de Assis possibilita pensar a contribuição deste pensador para além do seu tempo histórico, bem como inseri-lo na discussão moral contemporânea, o que fomenta estudos posteriores que tragam para a contemporaneidade sua análise, sobretudo no que se refere ao moralismo como liberalidade e boa consciência. Portanto, filosofia e literatura se complementam nessa tarefa.

2 A LEI DA EQUIVALÊNCIA DAS JANELAS

Uma abordagem propedêutica sobre os escritos de Machado de Assis possibilita depreender seu sarcasmo quanto às questões sociais estabelecidas, e, dessa forma, questionar elementos da moderna sociedade, de sua crença na autonomia dos indivíduos e de sua promessa de liberdade. Mais do que o combate a questões meramente econômicas, a sua crítica dirige-se ao modo de organização e de valoração das relações sociais estabelecidas e naturalizadas pela “lei da equivalência das janelas”, ou seja, por uma moralidade baseada na subordinação do sujeito às aparências das relações sociais vigentes.

A expressão “lei da equivalência das janelas” é extraída da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e aparece enquanto uma consolação da dicotomia entre moral e consciência: “Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência” (ASSIS, 2010, p. 128). A questão que surge na presente interlocução é a seguinte: por que a moralidade vigente necessita arejar a consciência? Uma resposta que depreendemos, dentre tantas outras possíveis, é de que, no âmbito da consciência do sujeito, há certa ambivalência entre a “lei da consciência e necessidade do coração”, de passo que

arejar a consciência não significa outra coisa senão se conformar com a moralidade, de falsear em sua realização pessoal a realização e o reforço dessa lei estabelecida. Por uma nova janela, a consciência conflitante torna-se “boa consciência”³.

Machado de Assis não pode ser compreendido como um autor que se propôs a estabelecer bases universais para a moral, afastando-se dessa forma de uma pretensão de fundamentação ou justificação da moralidade. Mas, em sua elaboração literária, e sobretudo em sua crítica social, há inúmeros elementos que possibilitam associar suas obras a uma crítica da moralidade vigente, de forma a situar as questões morais e éticas não como mecanismos literários e estéticos, mas enquanto conteúdo premente para além de suas elucubrações e ficções. Há elementos ímpares, como aqui analisados em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, para afirmar que a moral em Machado de Assis é um horizonte, não possuindo respostas para a questão de como se deve agir, mas intriga socraticamente o leitor a questionar os padrões e as verdades comumente aceitas. E por que não haveria pistas de como se deve agir moralmente? Parece que, na perspectiva deste autor, em uma sociedade cujos valores estão distorcidos, não haveria essa possibilidade de uma ação reta. Esta questão será retomada no próximo tópico.

Em outra passagem das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, encontramos referência a essa “lei da equivalência das janelas”, e a transcrevemos para melhor elucidação dessa relação de consolação dos desejos do sujeito à moralidade vigente, ou seja, do processo em que a moral areja ou ventila a consciência:

Dona Plácida fechou a porta e caiu numa cadeira. Eu deixei imediatamente a alcova, e dei dois passos para sair à rua, com o fim de arrancar Virgília ao marido; foi o que disse, e em bem que o disse, porque Dona Plácida deteve-me por um braço. Tempo houve em que eu cheguei a supor que não dissera aquilo senão para que ela me detivesse; mas a simples reflexão basta para mostrar que, depois dos dez minutos da alcova, o gesto mais genuíno e cordial não podia ser senão esse. E isto por aquela famosa lei da equivalência das janelas, que eu tive a satisfação de descobrir e formular, no capítulo 51. Era preciso arejar a consciência. A alcova foi uma janela fechada; eu abri outra com o gesto de sair, e respirei (ASSIS, 2010, p. 219).

Ao investigar sobre os símbolos literários utilizados por Machado de Assis, há escritos sobre a obra que destacam o significado, por exemplo, da janela como estilo literário, e, neste ponto, da relação estabelecida entre um eu autor e por isso real, e o eu narrador enquanto ser fictício. Essa perspectiva simbólica da obra de Machado de Assis contribui para o delineamento de analogias que o autor estabelece, fazendo surgir, às entrelinhas do texto, questões que tratamos como secundárias na investi-

3 A expressão “boa consciência” remete a uma harmonia total, de forma a não haver conflito ou compreensão de responsabilidade. Assim, a consciência é transformada em “boa consciência” – “um conformismo com a reprodução do que é sempre o mesmo” (ADORNO, 2006, p. 126).

gação sobre a concepção filosófica do autor sobre a ética e o desenvolvimento de sua crítica moral, mas que ensejam estudos de sua relação com as *Notas sobre Literatura I*, de Adorno.

No campo da reflexão sobre a crítica à moralidade, propõe-se pensar na dialógica entre “um eu” que é representativo dos valores vigentes de dada sociedade, e “um eu” que é desejo, vontade, e a mediação dos sentimentos. E, nesse sentido, o segundo eu em processo de formação é duvidoso, é conflito, é medo. Podemos pensar como correto estar na alcova com uma mulher casada? Podemos pensar ser justificável esconder-se para a realização do encontro amoroso? Na passagem supracitada, tanto a moralidade que proíbe tais atos oferta justificativa para eles, e, por isso, “era preciso arejar a consciência”. A janela é ligação entre o externo já presente no interno e do interno ainda não dominado pelo externo, entre a moral e a consciência individual. O paradoxo é que na moralidade da sociedade moderna tal como Machado de Assis apresenta sua crítica social, a individualidade não parece nada além de uma determinação de funções assumidas na sociedade, desejo de uma dada ordem de coisas permitidas ou proibidas pela lei moral vigente.

A consciência de algo também é consciência de “si” e de “seu lugar” nesta relação. A “lei da equivalência das janelas” é uma naturalização e aceitação não só de imposições da moralidade, mas também dos momentos e dos lugares que essa moralidade, para se manter abstrata, precisa ser permissiva com subversões que a contraria em atos, mas que em ação só a fortalece. Chamamos de afrouxamento essa relatividade de uma contradição que não é subversiva a uma dada ordem, mas que a fortalece. Esta é a ambivalência de uma dialética afirmativa, onde o contraditório, o diverso, o não ente não é tratado como subversivo, mas é a exceção que conforma a regra, como exemplifica a dialética do esclarecimento. Refletindo sobre o exemplo da prostituição tão presente neste escrito, “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 2010, p. 61), não é a subversão do modelo patriarcal, mas sua manutenção. Poderíamos pensar que esse modelo de sociedade nem seria possível sem esse afrouxamento moral, da mesma forma é o descanso para o trabalhador, ou o carnaval para o moralista etc. Então, quando se fecha uma janela, outra é aberta.

No capítulo 51, encontramos a descrição do encontro do personagem com uma moeda de ouro, meia dobra, a qual ao ser encontrada foi prontamente guardada de forma irrefletida. Irrefletida? Não exatamente, pois a ação naturalizada é, anteriormente, uma construção histórica, e, então, ela compõe tanto o “inconsciente” como o “superego”, para utilizar a descrição freudiana. Assim, a ação de colocar a moeda no bolso sem pensar na questão revela que a apropriação de algo encontrado, como a moeda, sem que ninguém reivindique ou que veja, faz com que ela seja sua. Mas, no caso em que estamos analisando, no dia seguinte, ao recordar o ato, ele sentiu uns “repelões da consciência”. E, sacudido por sua consciência, por movimento da culpa e não da vergonha, ele pensa em formas de restituição da moeda. A passagem faz com que o leitor reflita sobre as condições da pessoa que perdeu a moeda e as consequências que essa perda e sua apropriação poderiam trazer a este outro. Por-

tanto, ele encontrou uma forma de restituição ao enviar uma carta ao chefe de polícia solicitando que este fizesse o possível para a devolução. A questão posta é que, ao fazer esse ato de “honestidade”, o personagem não se sente aliviado por ter corrigido seu erro, ou seja, sua apropriação indevida de algo que não herdou nem ganhou. Ele sentiu algo a mais, ou seja, certa elevação por ter feito algo em vista de tal restituição. A passagem assim expressa:

Mandei a carta e almocei tranquilo, posso até dizer que jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro, e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! Não vos digo mais nada. Todavia, despedido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo há um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela aberta (ASSIS, 2010, p. 59).

Esse sentimento de júbilo é distintivo. O personagem que teve consciência de ter feito algo errado acredita-se com sua consciência ventilada, pois transfere a responsabilidade quanto aos destinos do que encontrou à autoridade policial, sem nem se questionar quanto à possibilidade ou impossibilidade deste a fazer tal restituição, e o quanto sua ação de colocar no bolso contribuiu para com uma possível não restituição do bem. Alguém questionaria nosso entendimento e questionaria essa análise sobre o que seria possível efetivamente para o personagem, dando-se conta de seu erro, fazer para corrigi-lo. Aqui não só a discussão sobre o certo ou o errado entraria em jogo, mas a própria noção de consciência. Avancemos na comparação com o ocorrido no próximo capítulo da obra, sobretudo no que concerne à discussão sobre o embrulho misterioso, para posteriormente trazer a questão do que fazer para esta pauta.

Dias depois, o personagem (temática do capítulo 52) defronta-se na praia com um embrulho misterioso, e em suas memórias faz surgir uma questão até então secundária, que é a questão da vergonha. Mas qual o problema da vergonha? Neste horizonte, parece haver uma reputação a ser mantida, e, caso alguém o veja carregando o embrulho, parece que essa reputação pode ser questionada. Assim, qual o percurso entre a culpa e a vergonha, ou será que o tamanho do embrulho faz com que a culpa seja relativizada? Seria pela mera curiosidade? Seria pela nova oportunidade de agir honestamente? A questão central circunda a ventilação moral da consciência.

Após ter encontrado pelo menos um montante de cinco contos de réis no tal embrulho, o que mais se destaca na narrativa é o cuidado com a relação externa, ou seja, com os elogios pelo feito em vista da restituição no caso anterior, como das consequências de uma descoberta do caso presente. Associando a merecimento, à sorte, ou mesmo à providência, o personagem, embora incomodado quando se fala de dinheiro ou de dinheiro encontrado, não parece ter conexão ou preocupação com a pessoa que o perdeu, como se denotou no achado anterior, e uma possível culpa

pelo feito é ventilada pela possibilidade de ajudar alguém. Ventilar a consciência pela caridade? Não adentraremos nesta especulação, mas parece ser um campo vasto para análises. Então, por que a diferença de ação entre os dois episódios? O valor da primeira moeda ou das moedas do embrulho misterioso pela descrição da narrativa não era de suma importância para o personagem que se gaba de ser abastado; a questão parece circundar a consideração social sobre o sujeito, e, uma vez que ele já gozava da fama pelo primeiro ato, estaria então liberado da restituição? E sua capacidade de se colocar no lugar do outro, de quem perdeu o objeto, simplesmente desapareceu ou aventou-se?

Na continuidade da obra, não há destaque para essa questão, mas o autor vai tecendo sua crítica à moralidade vigente por meio da contraposição de fatos e memórias que instigam o leitor a se posicionar e a questionar seu posicionamento ao se perceber meramente influenciado pela narrativa que representa o *status quo*. Esse processo de naturalização, ou dir-se-ia de falsa racionalização, é o que se denomina, nas palavras do autor, de “lei da equivalência das janelas”, ou poderíamos ainda nomear de moralidade superficial, de mera aparência, de moralismo. Surge aqui a questão do sentimento como falseamento da razoabilidade e da racionalização, perspectiva utilizada por Machado de Assis para mediar o que pensa o sujeito e o que ele simula.

O mascaramento do sujeito visto como “cidadão de bem”, reputação ilibada e socialmente elogiada, bem como a consideração e o respeito que Virgínia suscitava ao seu marido, possibilitam uma duplicidade relacional em que o errado passa a ser certo, e o certo a ser relativizado no contraponto entre moral e imoral, e, ainda, entre desejo e sentimento. Na lógica da teoria da equivalência das janelas, quando ascende a cadeira de deputado, e deste ponto enquanto realização profissional, sua dimensão pessoal é relativizada, passando a viver em função não da coletividade, mas dos aplausos da multidão – certa incapacidade de pensar por si mesmo, de estar só – na interligação entre máscara e publicidade. A consciência foi arejada, é boa consciência.

3 A MORALIDADE DE UMA VIDA LESADA

O monólogo interior *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma narrativa da banalidade da vida de um homem abastado da sociedade brasileira. O contraste de sua obra literária não está em fantasiar a realidade, mas em mostrá-la como ela é, e, portanto, é uma crítica para além de seu tempo. Dificilmente o leitor contemporâneo à sua obra terá condições de possibilidades para a compreensão do que permeia as linhas de sua ironia e de seu sarcasmo, que o possibilitam o questionamento das dicotomias sociais, mas também ideológicas, como, por exemplo, entre liberalismo e escravidão. Esta questão, a qual não nos deteremos, enseja uma maior investigação, pois possibilitaria pensar a sociedade brasileira do século XXI, e a contradição entre

liberalismo econômico e moralismo religioso, ou ainda, entre neoliberalismo e nacionalismo atualmente.

A moralidade de uma vida lesada é a narrativa de Machado de Assis que trata de um personagem que, ao analisar sua trajetória, desvela-se fútil e superficial, demasiadamente banal. Trata-se de uma relação entre “cidadãos de bem”, socialmente reconhecidos não pela sua subjetividade, mas pela capacidade de submissão de sua conduta ao reforço da ordem vigente, seja isso de maneira racional ou não. O que justificaria a Dona Plácida ajudar em um adultério senão a consideração pela ajuda recebida por Brás Cubas? A consideração pelo personagem, motivado também pelo valor dele recebido, faz com que sua consciência seja arejada, ou seja, uma vez que passa a ser beneficiada, o moralismo é suspenso. Desse modo, a sua consciência passa a encontrar elementos que justifiquem sua ação, sendo assim consciência feliz, ao passo que a utilidade relativa passa a determinar a compreensão e as decisões. A ajuda financeira à Dona Plácida visa uma utilidade relativa que ela tinha para com o seu relacionamento de adultério que, ao ser solicitado a auxiliá-la por causa de sua doença e eminente morte, sua despreocupação com ela é revelada.

A presente leitura propedêutica das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* possibilitou o delineamento de elementos para a reflexão sobre a relação internalizada entre moral e consciência, e, sem dúvidas, por meio da metapsicologia freudiana, defrontaríamos com inúmeras possibilidades de interpretação, tarefa que se posterga a futuros escritos. A dimensão estética atemporal do escrito possibilita extrair sua crítica à lei moral vigente, e essa crítica não circunda costumes da discricionariedade dos personagens envolvidos, mas de participação ou imersão em um sistema, ou de uma compulsão à identidade do sistema. Neste horizonte, as particularidades ou as aparentes subjetividades não são contrárias à ordem dada, de forma que a exceção apenas confirma ou naturaliza dada regra – dialética positiva do esclarecimento. O fato de Machado de Assis não expor a maneira correta, na sua concepção, de como os sujeitos deveriam agir, demonstra a percepção do referido autor sobre a complexidade e os problemas éticos da contemporaneidade, sobretudo pela questão do indivíduo moderno ser um produto de seu tempo, sua subjetividade uma aparência, seus valores uma máscara, sua vida uma farsa. Seria, nesse contexto descrito, possível agir de forma correta?

A obra *Mínima Moralía*, de Theodor Adorno (1951), enfrenta de forma assistemática essa questão, e por meio de aforismos e sem a pretensão de universalidade, de justificação ou de fundamentação moral, o pensador questiona a moralidade de uma sociedade em que a liberdade humana não passa de uma falácia para justificar sua não liberdade. A crítica de Adorno no âmbito da Teoria Crítica da Sociedade e a partir de Marx, Freud e Nietzsche, não é meramente ao capitalismo, mas ao projeto moderno de sociedade. Dessa forma, a resposta de Adorno à interrogação de como agir corretamente nessa sociedade permeia sua elaboração filosófica, presente desde a *Mínima Moralía*, perpassando a *Dialética do Esclarecimento*, e melhor desenvolvida em *Dialética Negativa* e em *Teoria Estética*. Seria temática para sua obra sobre

a moral, que, devido à inesperada morte do autor, restou apenas em anotações e esboços em aulas.

Nas palavras de Adorno (1951, p. 29): “Não há nenhuma vida recta na falsa”,⁴ em outras palavras, não há uma maneira do indivíduo agir de forma ética quando a sua individuação exige sua identificação a uma totalidade falsa, repressiva do humano. Embora considere e valorize a contribuição de Nietzsche, sua genealogia e crítica à moral, Adorno não concorda com o recurso a uma ética⁵ individual, mas ao questionamento da lei moral abstrata, de forma a corroborar com a perspectiva crítica de Machado de Assis. Adorno utiliza-se de muitos elementos da literatura, sobretudo do romantismo alemão, para elucidar e exemplificar, mas também para discutir ideologias e concepções prementes. Ousamos ensejar que, se tivesse lido as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um importante interlúdio teria desenvolvido, como é o caso do seu diálogo com textos da literatura alemã, nos quais surgem questões em torno do engajamento da literatura e sua dimensão estética subversiva mesmo quando o seu autor não está diretamente envolvido com movimentos revolucionários, com a crítica explícita ao regime econômico ou político, como exigiria um marxismo ortodoxo.

A crítica moral de Machado de Assis à moralidade de uma vida lesada demonstra-se pelo aspecto pessimista da obra, de forma a não apontar alternativas superficiais para uma noção de agir bem na totalidade repressiva. Se pensarmos esse pessimismo no horizonte da obra *Mínima Moralía*, isso significa questionar a estrutura valorativa das relações vigentes, bem como as alternativas para um recurso à amoralidade ou imoralidade das ações. Nesse sentido, sentimento e sofrimento não são pontos de irreflexão do personagem, pois estes são apenas vivências racionalizadas e não experiências formativas.⁶

Em uma entrevista transcrita na obra *Educação e Emancipação*, Adorno trata dessa incapacidade de fazer experiências, ou seja, desse processo autorreflexivo que media a relação com o objeto e a objetividade do sujeito. Portanto, no processo descrito por Machado de Assis como a moral que ventila a consciência, estaria presente o processo de obscurecimento da consciência pelo presente. Assim, compete destacar um modelo de racionalidade desenvolvida pela sociedade moderna, logos de dominação caracterizado pela perda da capacidade de relacionamento com o outro enquanto outro, com o diverso e não determinado. Nas palavras de Adorno (2010, p. 71), “incapacidade do pensamento em se impor, já se encontra à espreita o potencial

4 Adorno define o agir moralmente como o agir corretamente, no sentido de “vida reta”.

5 Em geral, a moral é entendida como conjunto de hábitos, regras, normas, leis, que autônoma ou heteronômamente é assumida pelo sujeito na sua relação em grupos sociais (família, escola, religião, estado, entre outros). A ética, na tradição, é entendida como o julgamento, a reflexão, a ciência da moral. Em Adorno, em certo sentido, ética e moral não são distintas, e seu questionamento procura expor a impossibilidade de autonomia e de julgamento em uma “sociedade administrada”. Assim, a noção de fuga desta realidade é uma ilusão, pois tal privilégio reforça a moralidade política estabelecida e não a subverte.

6 Adorno compartilha com Benjamin a compreensão da experiência como formativa do humano, no sentido de *Erfarung*, cujo radical (*fahr*) indica o significado de viajar pelo desconhecido, e, em latim, o radical é “per”, que significa sair de um lugar.

de enquadramento e subordinação a uma autoridade qualquer, do mesmo modo como hoje, concreta e voluntariamente, a gente se curva ao existente”.

Em um curso de férias ministrado na Escola de Frankfurt, intitulado *Problemas de Filosofia Moral*,⁷ Adorno propõe a reflexão sobre o afastamento da reflexão ética como resposta ao como se deve agir, e, dialogando com Kant, intenta esboçar os preâmbulos da obra que escreveria sobre a questão. Na primeira lição, questiona sobre o falso problema da liberdade da vontade e destaca que, em uma sociedade cujos valores humanos estão distorcidos, o recurso a uma concepção ética individual não é caminho alternativo, mas um reforço da moralidade vigente – da lei moral positiva. Essa noção remete ao questionamento de Adorno ao projeto moderno de sociedade, e a maior conquista ou promessa de conquista deste, o indivíduo livre e autônomo. Enquanto produto do social atomizado, os indivíduos são limitados a escolhas dentro de um quadro determinado, e, assim, a um estado de não liberdade – de não possibilidade da moralidade enquanto realização de sua universalidade. Nesse sentido, a crítica social de Machado de Assis não visa questionar elementos da sua sociedade, mas a sociedade em sua concretude, o que pode fazer por meio de sua literatura e permanecer, num primeiro momento, intocado pela temporalidade e pelo excesso de conceitos que desmascara e que apenas para além de seu tempo serão perceptíveis e potenciais de sua compreensão.

Adorno, no aforismo quarto da *Mínima Moralía*, intitulado *Clareza Derradeira* (1951, p. 13), destaca um necrológio de jornal em que havia a seguinte expressão: “A largueza da sua consciência rivaliza com a bondade de seu coração”. Para Adorno, essa afirmação feita pelos enlutados revela que o falecido era um homem sem consciência. Aqui é importante destacar que largueza de consciência não se refere à abertura para a diversidade e a pluralidade, mas à incapacidade de responsabilidade pelas suas ações:

A consciência ampla instala-se como liberalidade que tudo perdoa, porque tudo compreende demasiado bem. Entre a própria culpa e a dos outros se instala um *quid pro quo* que se resolve a favor de quem levou a melhor parte. Após uma tão longa vida já não se sabe distinguir quem prejudicou a quem. Na representação abstracta da universal injustiça desaparece toda a responsabilidade concreta (ADORNO, 1951, p. 13).

O mal-estar de uma vida banal na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é contraposto em uma relação de aspirações desmedidas e fracassos de suas realizações, a partir da qual a culpa é reelaborada e o recalque dá espaço para uma moral dupla de ocasião. Se aproximarmos esta perspectiva do conto intitulado *A causa secreta* (1885), em que Machado de Assis opõe radicalmente aparência e essência para questionar a questão da bondade e da dedicação ao próximo, defrontamos

7 Essas palestras são transcritas na obra *Problems of Moral Philosophy* (ADORNO, 2001). No total, foram dezessete encontros sobre as possibilidades e a tarefa da Filosofia Moral.

com uma suspeita sobre as ditas boas ações e suas intenções. O presente conto trata de alguém que sente prazer com o sofrimento alheio, e, para satisfazer seu desejo sádico, torna-se um enfermeiro cuidadoso e prestativo. Aqui defrontamo-nos com a questão de que a serenidade do falecido do anúncio não combina com a bondade, mas sim com a frieza própria da sociedade em que a imagem social impera. Na perspectiva de Adorno, ao invés da experiência do sofrimento do outro, o personagem Fortunato estava, como destaca Machado de Assis (1885, p. 171), “olhando friamente para o ferido, que gemia muito”. Nesse sentido, “a frieza da mônada social, do concorrente isolado, constituía, enquanto indiferença frente ao destino do outro, o pressuposto para que apenas alguns raros se mobilizassem”, afirma Adorno (2010, p. 101) ao tratar da consciência coisificada que permitiu que Auschwitz se tornasse uma realidade, a barbárie⁸ no mundo humano, por meio da proteção da possibilidade da própria vantagem, silenciar para não se prejudicar – não identificação com o destino, a alegria ou o sofrimento do outro.

Retornando para a *Mínima Moralía*, no aforismo quarto ainda se depreende uma observação relevante para a temática em questão, ou seja, de que a serenidade não provém da bondade que esta está associada, por Adorno, à “dureza e intransigência” devido à:

[...] falta de objeto apropriado, dificilmente sabe dar expressão ao seu amor de outra forma excepto no ódio contra os não aptos, pelo qual acaba decerto por se assemelhar ao odiado. Mas o burguês é tolerante (ADORNO, 1951, p. 13).

No aforismo quarenta e três, ao tratar da problemática das virtudes, Adorno retoma essa questão da bondade como liberalidade, e da frieza que provém dessa moralidade relativa, ou, nas palavras de Machado de Assis, dessa lei da equivalência das janelas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura deste artigo pode ter suscitado o entendimento de que foram levantadas muitas questões e sua abordagem foi postergada, sendo seu aprofundamento imprescindível para que o presente artigo desenvolvesse o que se propôs enquanto delineamento da crítica moral em Machado de Assis. Esta afirmação destaca não algo acidental, mas o programa assumido no percurso desta investigação que, enquanto leitura propedêutica, ao aproximar Machado de Assis e Adorno, tornou-se minúscula até mesmo enquanto estudo preliminar. Exemplifica esta questão uma

8 Para Adorno, a “barbárie” é a falta de civilidade, do viver de forma ordenada e humana. A barbárie é uma situação contrária a um estado verdadeiramente humano, uma regressão, um retorno a uma situação menos humana, menos “civilizada”, organizada.

análise da dimensão estética da obra de Machado de Assis no sentido de melhor compreender seu movimento de crítica pelo recurso do distanciamento, bem como pensar a relação dicotômica do moralismo da sociedade moderna e de seus desdobramentos. Também a relação psicológica nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* seria de importante aproximação e diálogo com a metapsicologia de Freud, seu contemporâneo, e que elementos são antecipados na obra do brasileiro.

Contudo, o percurso de leitura e interlúdio entre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de *Mínima Moral* possibilitou compreender que Machado de Assis possui uma compreensão de engajamento e de crítica “não de arte pela arte”. Trata-se de um distanciamento enquanto postura fundamental para situá-lo como um pensador da moral e, sobretudo, como um crítico da moralidade vigente – da lei moral estabelecida pela sociedade moderna. Se quisermos encontrar um atributo para a moral em Machado de Assis, seria o desinteresse. Dimensão de confluência direta com Kant. Todavia, afirmar que Machado de Assis possui uma importante contribuição no âmbito da filosofia moral implica em reconhecer também que em seus escritos não há uma resposta positiva de como se deve agir. A relação com Adorno, inclusive, quis demonstrar essa impossibilidade; há, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma abordagem dialética negativa, um exercício de pensamento que quer libertar-se, uma recusa em aceitar a possibilidade de um caminho pessoal de ação correta em um todo cujos valores são perversos. A lei da equivalência das janelas é uma metáfora do moralismo da sociedade burguesa, uma frieza que permite que tudo aconteça no mundo, e que o indivíduo permanece em sua boa consciência na identificação ao estabelecido.

Não encontramos em Machado de Assis uma busca por justificação ou fundamentação moral, tampouco algo como o desenvolvimento de uma genealogia da moral. Seus escritos são críticas sociais e morais que contribuem para que o leitor possa fazer uma experiência para além das questões de primeiro plano de suas aspirações, possibilitando um pensamento alargado, para além das banalidades da vida cotidiana. A sua abordagem crítica da sociedade e da lei moral o aproxima com a elaboração da Teoria Crítica da Sociedade, principalmente ao encontrar em Machado de Assis elementos de sua leitura de Schopenhauer e de Nietzsche, de forma que o centro de seu questionamento está sobre os valores positivos do que seria o agir bem, das qualidades consideradas boas, e ainda da possibilidade da moral.

A concepção de Adorno sobre a posição do autor na narrativa, da dimensão estética, ou ainda sobre a relação entre a arte e o seu engajamento social e político, permite ler as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na perspectiva da *Mínima Moral*, fomentando desdobramentos desta investigação para a reflexão moral contemporânea. Machado de Assis contribui para pensar as consequências dessa frieza e a relatividade travestida de moralismo na ascensão de pensamentos totalitários, da prioridade invertida da sobrevivência sobre a moral e do interesse sobre a ética, num silêncio ensurdecido frente ao outro tratado como meio, não como fim. É preciso uma realidade em que a consciência avenge a moral, e, dessa forma, seja má cons-

ciência, o que não é uma exceção, mas a exigência de luta política por um mundo mais digno para o humano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2009.

_____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Mínima Moralía**. Lisboa: Ed. 70, 1951.

_____. **Problems of Moral Philosophy**. California: Stanford University Press, 2001.

ASSIS, Machado de. **Crítica litteraria**. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938.

_____. **A causa secreta**. In: ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 511-519, 1985.

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: FTD, 2010.

BROCAS, Brito. **Machado de Assis e a política mais outros estudos**. Rio de Janeiro: Simões, 1957.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do Capitalismo**. São Paulo: Ed. 34; Livraria Duas Cidades, 2000.

ABSTRACT: The present work proposes a reading of the work *Memórias Póstuma de Brás Cubas* (1981) by Machado de Assis (1839-1908) in the perspective of criticizing the morality of the injured life. In this way, an approximation with the work *Mínima Moralía* (1951) by Theodor Adorno is sought, which, in line with the Aesthetic Theory, makes it possible to place Machado de Assis as a critic of prevailing morality. Machado de Assis was an important Brazilian thinker, recognized not only for the technical and stylistic aspects of his literary works, but for the dimension of pressing social criticism in his writings. In the aesthetic dimension, in its historical transcendence and not merely as an art produced for the revolution, Machado de Assis questions prevailing values, the concepts of right and wrong, good and bad. Thus, by not dwelling on issues of the foreground of the discussions, he also evidences his refusal to manifest himself as freed from the dichotomies of the society in which he lived. There is no such thing as an

outsider, a narrator capable of being the impartial observer who is free from evaluative judgments.

Keywords: Damaged life; Criticism of Morals; Brazilian literature; Aesthetic Theory

RESUMEN: El presente trabajo propone una lectura de la obra *Memórias Póstuma de Brás Cubas* (1981), de Machado de Assis (1839-1908), en la perspectiva de la crítica a la moralidad de la vida herida. De este modo, se busca una aproximación con la obra *Mínima Moralía* (1951) de Theodor Adorno que, en la línea de la Teoría Estética, permite situar a Machado de Assis como crítico de la moral imperante. Machado de Assis fue un importante pensador brasileño, reconocido no sólo por los aspectos técnicos y estilísticos de sus obras literarias, sino también por la dimensión de crítica social apremiante de sus escritos. En la dimensión estética, en su trascendencia histórica y no meramente como un arte producido para la revolución, Machado de Assis cuestionó los valores imperantes, los conceptos de bien y mal, bien y mal. Así, al no detenerse en temas de primera plana de las discusiones, también destaca su negativa a manifestarse libre de las dicotomías de la sociedad en la que vivía. No existe tal cosa como estar en el exterior, un narrador capaz de ser un observador imparcial que está exento de juicios evaluativos.

Palabras clave: Vida dañada; Crítica Moral; literatura brasileña; Teoría Estética.